

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
AŞSINATURA ANUAL 20\$00

Ano I — Número 10

Outubro de 1963

SERVIÇO DE AMOR

A essência da vida cristã é o amor.

Diz-nos a Bíblia Sagrada que «Deus é amor». Não é apenas no precioso livro que lemos essa verdade. Ela está gravada com letras de ouro em todas as obras da criação, desde os longínquos astros fulgurantes até à minúscula flor silvestre.

São caracterizadas pelo amor todas as relações de Deus com o homem — a sua criação, a sua manutenção, a sua redenção, a sua glorificação. E a vinda do próprio Senhor Jesus foi a suprema revelação do amor de Deus para com o homem transgressor e perdido.

Os evangelhos, ao relatarem os feitos e palavras de Jesus Cristo, recolheram apenas algumas pepitas do inesgotável tesouro do Seu amor.

Por Sua vez, o divino Mestre ensinou-nos a amar o próximo, não só como a nós mesmos, o que já aparecia no Antigo Testamento, mas como Ele próprio nos amou. E' esse o novo mandamento da Lei cristã: «Como Eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.»

Ora, por estranho que pareça, é possível ser-se discípulo e até obreiro de Jesus Cristo, sem se possuir a característica mais saliente da vida cristã, ou seja, o amor. Perdida a visão do amor, perdeu a actividade religiosa a sua verdadeira razão de ser.

Com efeito, sem amor pelas almas, o que nos leva a interessar-nos pelos nossos semelhantes? Depressa ficaríamos decepcionados com a sua incompreensão e indiferença, com o seu egoísmo e ingratidão, com a persistência dos seus defeitos ancestrais. Só o amor é capaz de transfigurar o rosto desprezível de um degradado filho de Adão na fisionomia amável de um necessitado irmão por quem Jesus Cristo morreu.

Sem amor, a vida da Igreja não passa de uma rotina de inúteis práticas religiosas, incapazes de transformar o indivíduo ou de beneficiar a sociedade. Só o amor consegue fazer da Igreja a ante-câmara da eterna morada dos remidos.

Sem amor, a própria actividade missionária não passa de uma tarefa penosa, de uma esgotante sucessão de ocupações monótonas. Como tão belamente se expressou Teixeira de Pascoais,

Trabalho sem amor é improdutivo.
Sòmente é verdadeiro, eterno e vivo
O que produz o amor.
O mais é fumo e sombra e vão rumor...

Que a visão e o estímulo do amor cristão possam caracterizar a vida e a actividade de cada membro e obreiro da Igreja Adventista!

E. Ferreira

A Obra dos Leigos na Acção da Igreja

por José Manuel de Matos

Jesus Cristo fundou a Igreja fundamentalmente para a realização de três objectivos que passamos a mencionar:

1 — Conservar com o mais soberano cuidado o depósito da Verdade, muito particularmente as Escrituras Canónicas que testemunham dessa mesma Verdade. (I Tim. 3:15).

2 — Recrutar membros no mundo inteiro, entre todas as nações e todas as classes da sociedade, pela pregação evangélica e o testemunho cristão individual. (Marcos 16: 15, 16).

3 — Instruir, formar e educar estes membros para que possam atingir a estatura de Cristo. (Efésios 4:13).

Diante destes princípios objectivos que Jesus estipulou à Sua Igreja e sendo ela constituída pelo conjunto dos seus membros, há necessidade que cada membro chegue a uma conclusão plenamente compreensível de que qualquer que seja a sua capacidade, a sua idade, e a sua experiência cristã, ou qualquer outro factor, ele tem uma obra a realizar na Igreja. Partindo desta ordem de ideias da maior importância tanto para a vida da Igreja como para a do crente, chegamos a um determinado estado que nos obriga a considerar e dirigir uma obra a ser efectuada pelos leigos, membros da Igreja, nos limites da acção da Igreja.

Secundando estes pensamentos, extraímos do Espírito de Profecia estas linhas: — «Não devemos julgar que a obra do Evangelho dependa principalmente do ministro. Deus deu a cada um uma obra para fazer em relação com o seu reino. Cada um dos que professa o nome de Cristo, deverá ser obreiro zeloso e desinteressado, decidido a defender os princípios da justiça. Cada pessoa deverá desempenhar parte activa para fomentar a causa do Deus». (Test. Selectos, Vol. 3, pág. 62).

Vejam agora como se pode desenvolver a obra dos leigos nos três objectivos fundamentais da acção da Igreja.

1) Conservar o depósito da Verdade

É da competência de toda a Igreja zelar pela pureza da Verdade. Temos uma doutrina definida, sustentada pelas Escrituras Sagradas, por um «assim diz o Senhor». A verdade que proclamamos é o conteúdo da vontade de Deus revelada na Sua Palavra. Este sagrado depósito que nos foi confiado deve ser guardado ciosamente, estremecido por cada membro da Igreja.

Acontece que de quando em vez se cumprem entre nós as profecias que indicavam o aparecimento duma acção destrutiva da parte daqueles que falaria- riam coisas vãs, daqueles que torceria- riam as Escrituras para sua própria perdição, pregando fábulas, discursando acerca da falsamente chamada ciência.

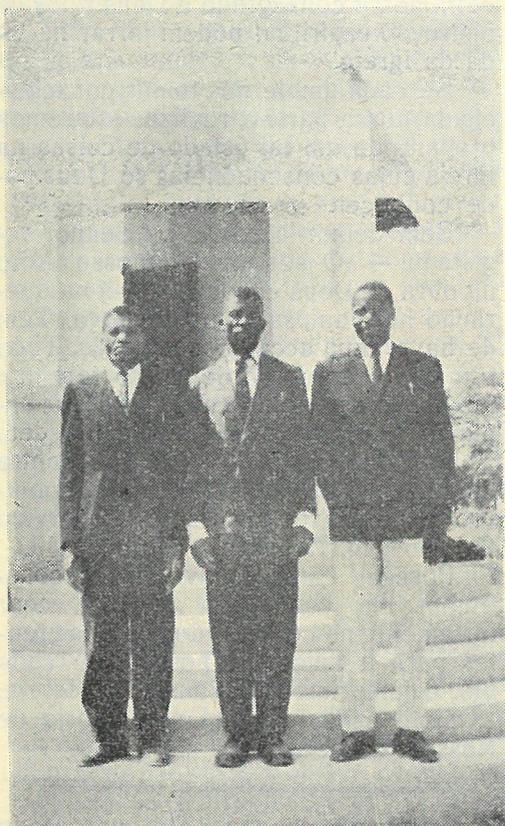
Quando isso acontece, raramente o Pastor é o primeiro a ter conhecimento. Esses atentados à Verdade, quer ajuntado-lhe ou diminuindo o que já está proposto, criam as suas raízes muito primeiramente pelos bancos da Igreja nas casas dos membros, num ou outro local de encontro. Geralmente é por aí que começam as incursões dos lobos no rebanho de Deus. Surge aí a oportunidade do membro leigo de agir defendendo a Verdade que lhe foi confiada, a ele também.

Aí a ocasião de permanecer firme pela Verdade, testemunhando dela, evitando que o erro se propague, inclusive fazendo esforços para que o seu defensor possa arrepiar caminho e voltar à Verdade. Se o membro leigo reconhece que é incapaz de fazer face às arremetidas contra a Verdade, ele deve tão urgentemente quanto possa, comunicar aos Irmãos responsáveis, sobretudo ao Pastor de sua Igreja, os perigos que o depósito da Verdade está

correndo nalguns, para que este, em devido tempo, concentrando as forças da Igreja, possa ir em defesa da Verdade.

Se por acaso um membro leigo julga ver luz em determinados textos escriturísticos, luz essa que a Igreja na sua acção não proclama dum modo tão vincado como ele pensa que deveria ser feito, deve antes de mais, orar a Deus para que o guie de não tropeçar na Palavra e se continuar prosseguindo na mesma idéia, deve dirigir-se ao Pastor da Igreja e juntamente com ele em espírito de humildade e oração, debruçar-se sobre o problema em causa.

Agindo desta forma neste importante aspecto das funções da Igreja pode o irmão leigo realizar uma bela obra para a tranquilidade do Rebanho, para a paz da Igreja e da sua marcha serena a caminho do Lar Celestial.



Pastores Zeferino José, Esaú Isaias e Moisés Chandala, recentemente consagrados.

(Ver Boletim Adventista de Setembro)

Outubro de 1965

2) Recrutar membros por toda a parte

Obedecendo ao mandado do Senhor Jesus, a Igreja deve em toda a parte pregar o Evangelho de salvação, recrutar novos membros para a Igreja, levar novas almas aos pés do Senhor. Desejamos destacar que é a *Igreja que deve* pregar e recrutar em toda a parte e não sòmente o ministro do Evangelho.

A Irmã White define assim este princípio: — «A cada um que se ajunta às fileiras mediante conversão, deve ser designado seu posto do dever. Cada qual deve estar disposto a ser ou a fazer qualquer coisa nessa batalha. É erro fatal supor que a obra da salvação de almas depende só do ministério». (Serviço Cristão pág. 74 e 68).

Como sabemos, temos na acção da Igreja diversos meios de levar o Evangelho ao conhecimento dos outros, meios esses tão variados que ninguém se poderá escusar sob qualquer pretexto.

Comecemos pelas actividades de beneficência que são dos melhores meios para os aproximarmos das almas.

A experiência mostra-nos que muitas vezes a doença, o sofrimento e a tristeza são elementos nas mãos de Deus para tornar os corações receptivos à Sua Palavra.

O Pastor tem um programa muito extenso e não pode estar em toda a parte ao mesmo tempo. Daí se segue a necessidade enorme da acção dos leigos.

Quão maravilhoso é ver um membro leigo dirigir-se aos lares, aos hospitais ou prisões, com a Bíblia nas suas mãos animado do amor às almas e debruçar-se sobre o necessitado, mostrar-lhe a sua simpatia, orar com ele, falar-lhe do amor de Jesus, fazer renascer no coração uma esperança, talvez desde há muito perdida.

Haverá leigos que dirão: Mas não tenho queda para essas visitas, ou, a minha saúde não permite, ou ainda, impressiona-me tanto o sofrimento... Mas será que não poderão cooperar? Lembre-se das «Dorcas» Irmão ou Irmã, das «Dorcas» que por vezes se limitam a receber de nós o que há lá em casa de mais velhinho e mais roto. Para quando um dom perfeito às Dorcas?

Sabemos que nalgumas Igrejas de há certo tempo a esta parte tem-se dado um bom incremento a um grupo denominado «Dadores de sangue». Como seu próprio nome o indica estes irmãos fazem um belo trabalho de alcance missionário através da beneficência.

Quanto trabalho ainda a realizar! Já pensou prezado Irmão no possibilidade de oferecer o seu lar para estudos regulares da Escola Sabatina, estudos bíblicos, ou para a pregação da Mensagem através de projecções? Seus vizinhos e amigos talvez não vão à Igreja, eles irão certamente a sua casa, e se o programa for bem preparado eles com certeza não deixarão de voltar.

Que dizer da distribuição de lar em lar de convites para assistir às conferências, para inscrição no Curso Rádio Postal ou de literatura sistemática das «Verdades Eternas»? Não poderia esta bela actividade registar cada vez mais um maior número de leigos ao trabalho?

Encontra-se cada um de nós fiel diante de Deus nos dizimos do Senhor e nas ofertas? Foram estas as participações designadas por Deus para a expansão do Evangelho. Estou eu participando fielmente? Atraindo a bênção de Deus ou a maldição?

Operando com eficiência nesta importante função da Igreja cada membro leigo estará cada vez mais animado na Fé, e auferindo de Deus constantes bênçãos na sua vida.

3) Instruir, formar e educar

O objectivo a ser alcançado por cada um de nós, é, segundo as Escrituras, a medida da estatura de Cristo. Para isso necessitamos duma constante e progressiva instrução e educação as quais muito nos podem auxiliar naquilo em que nos devemos tornar na qualidade de cristãos. A Igreja tem uma obra muito importante a realizar neste campo.

Certos leigos podem prestar o seu concurso como monitores da Escola Sabatina, preparando a lição convenientemente, estudando-a com amor, com oração e apresentando-a na classe duma maneira clara e fervorosa que sa-

tisfaça amplamente as necessidades da classe.

Outros, particularmente os jovens, poderão ter acção, em certos casos mais ou menos definitiva, sobre a educação e instrução da Juventude M. V. As nossas Igrejas necessitam de jovens consagrados, entusiastas, animados a colaborar, a dar o melhor dos seus talentos para o benefício comum.

Ditasas as Igrejas que contam com membros leigos capazes de em qualquer momento e diante de qualquer auditório, sustentados pelo poder de Deus, tomarem a palavra e na ausência do Pregador dirigem esta ou aquela reunião.

E mais que não possa ser através do seu testemunho pessoal, o membro leigo, pode e deve, contribuir para a educação dos seus Irmãos na Fé. Por uma vida piedosa, e um coração verdadeiramente consagrado a Deus raios de instrução espiritual podem jorrar na vida da Igreja.

Se cada um de nós tomar consciência da nossa parte a realizar estaremos preparando um tal estado de coisas na Igreja cujas consequências só Deus pode conhecer.

Bem deixou a serva do Senhor registado: — «O segredo do nosso êxito na obra de Deus encontrar-se-á na operação harmoniosa do nosso povo. Tem de haver uma acção concentrada. Todo o membro do corpo de Cristo tem que fazer a sua parte na causa de Deus segundo a capacidade que Ele lhe deu. Temos que conjugar esforços contra dificuldades e obstáculos, ombro a ombro e unidos pelo coração». (Serviço Cristão pág. 75).

Possam estas palavras, que constituem um verdadeiro apelo, ecoar fortemente no coração dos nossos crentes para a felicidade pessoal de cada um, e cumprimento da missão da Igreja, e muito especialmente para glória de Nosso Deus Salvador.

Tão certo como nos está preparado um lugar nas mansões celestiais, há também um lugar designado aqui na terra, onde devemos trabalhar para Deus. — *Parábolas*, págs. 326, 327.

MOISÉS E A MEDICINA

por Charles D. Willis

Há mais de três mil anos foi dado a Israel um invulgar conhecimento médico por meio de Moisés. Referindo-se a este, Virchow, conhecido como «o pai da patologia moderna», disse: «Moisés foi o maior higienista que o mundo jamais viu». Moisés dependia de conhecimentos revelados, e sem beneficiar de qualquer equipamento científico ensinou quase todos os princípios de higiene hoje praticados.

A maioria das referências médicas na Bíblia encontram-se no código moisaico. Se a Bíblia é um livro inspirado, essas referências devem ter alguma base científica. Quando Moisés guiou os filhos de Israel do Egito para o deserto, enfrentou o problema da salvaguarda da sua saúde. E fê-lo, em primeiro lugar, proibindo que se comessem vários animais imundos, tais como porcos, coelhos, e mariscos. Só em 1847 é que Joseph Leidy descobriu o parasita *Trichinella spiralis* no porco. A maior parte das pessoas ignoram hoje esta proibição contra a carne de porco; mas num estudo feito em 1936 por dois médicos de San Francisco chegou-se à conclusão de que aproximadamente 25 por cento das pessoas que comem carne de porco devem ter a triquinose. Sabe-se que os coelhos podem estar infectados com turalemia mortal. Os mariscos podem ter o tifo oriundo dos esgotos.¹

Qualquer animal que tivesse sido despedaçado por outro ou tivesse morrido de morte natural não devia ser empregado como alimento pelos Israelitas. Proibia-se aos Hebreus que mutilassem os seus próprios corpos, quer seguindo o costume pagão de se golparem pelos mortos, quer pela tatuagem. Estas diferentes regras reduziam consideravelmente as oportunidades de infecção.²

Em Números 31:19-24 encontra-se uma significativa regra. Todos os objectos de metal tomados ao inimigo deviam ser purificados e passados «pelo fogo». Este é o mesmo processo que hoje se

usa para esterilizar uma agulha com uma chama antes da extracção de um esquirola. Todos os materiais que não podiam ser purificados pelo fogo deviam ser lavados.

A água era protegida de contaminação de diversas maneiras. Os vasos descobertos numa casa onde a morte tivesse entrado eram considerados imundos. Os vasos em que animais imundos, como ratos e lagartos, tivessem caído deviam ser purificados ou quebrados.³

O acampamento, ou comunidade, de Israel estava disposto segundo as necessidades sanitárias. E' a primeira comunidade assim disposta de que há notícia. Havia um lugar à parte para os dejectos humanos, que deviam ficar enterrados. Deuterónimo 23:12-14. Como efeito deste sistema de enterramento evitava-se a infecção do solo por ancilóstomos e outros parasitas.

Em Levítico 11:9-12 e Deuterónimo 14:9, 10 vemos proibições contra o comer peixe sem escamas e barbatanas. Se o Senhor achou conveniente dar tais instruções, é porque devia haver boas razões para elas. Numa meticolosa investigação das propriedades tóxicas do peixe, o Dr. David Macht, conhecida autoridade em venenos químicos e animais, obteve extractos de mais de setenta espécies diferentes de peixe e injectou-os em ratos e usou-os também em «tests» sobre plantas em crescimento. Os extractos de tecidos de peixes venenosos mataram alguns dos ratos e retardaram o crescimento das plantas. Os extractos de peixes «comestíveis» não tiveram quaisquer efeitos prejudiciais tanto sobre os ratos como sobre as plantas. Quando os resultados deste estudo foram analisados descobriu-se que todos os extractos venenosos provinham de peixes sem escamas, e que nalguns casos eram também desprovidos de barbatanas. O Dr. Macht concluiu: «Isto parece fornecer uma base científica para a antiga classificação de peixes comestíveis e não comestíveis».

veis, segundo tenham escamas ou não»⁴.

Os Hebreus eram o povo mais limpo dos tempos antigos, e mesmo hoje as suas normas antigas dificilmente poderão ser melhoradas. Ordenavam-se banhos rituais por muitos motivos, e em todo o caso todo o israelita tinha, pelo menos, um banho por semana, pois devia purificar-se no dia que precedia o sábado. Se uma pessoa fosse cuspidada por alguém que tivesse uma doença, devia lavar-se. Levítico 15:8. A lavagem era igualmente requerida depois de se tocar num cadáver, quer animal quer humano.

Moisés ordenou que todas as as pessoas infectadas com doenças contagiosas fossem isoladas. Certamente a moderna ciência médica não pode melhorar esta regra. Era posto em quarentena não só o doente, mas também os que tinham entrado em contacto com ele. Em especial se defendia o contacto com um paciente de gonorreia. Levítico 15.

No domínio da psiquiatria há apenas um caso nítido acerca do qual são dados alguns pormenores na Bíblia. Trata-se de Nabucodonosor, rei de Babilónia. Foi predito por Daniel que ele ficaria demente por um período de sete anos, se não se corrigisse. O seu estado é assim descrito em Daniel 4: 33.

«Na mesma hora se cumpriu a pala-

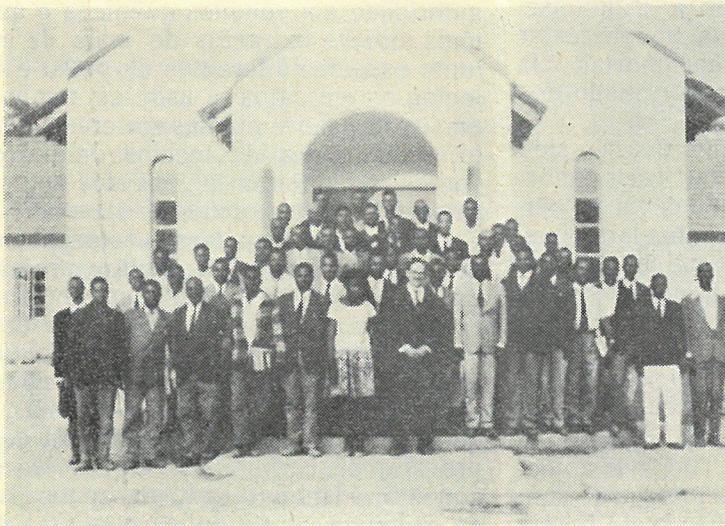
vra sobre Nabucodonosor, e foi tirado dentre os homens, e comia erva como os bois,... até que lhe cresceu pelo como as penas da águia e as suas unhas como as das aves.»

Admite-se hoje que a loucura de Nabucodonosor era licantropia, tipo raro de perturbação mental, na qual a pessoa atingida imagina ser um animal. Os ataques são seguidos de períodos intermitentes em que o paciente recupera a sua consciência. Uma característica da licantropia é a completa negligência da apresentação pessoal. Sete anos desta doença fizeram crescer o cabelo e as unhas do rei. Há alguns anos, o Dr. David Yellowlees, presidente da Associação Médico-Psicológica da Gran-Bretanha, comentou o caso de Nabucodonosor e salientou o facto de que este tipo de demência pode ser curado e é susceptível de um restabelecimento completo, como sucedeu com aquele rei.

A Bíblia dá-nos o primeiro elo da sua cadeia de provas acerca do tamanho do homem em Génesis 6:4, onde lemos com referência aos antediluvianos: «Havia naqueles dias gigantes na terra».

Parece que na degeneração geral que se seguiu ao Dilúvio houve diversas correntes de homens que não degeneraram tão rapidamente como os outros. Provavelmente uma dessas correntes é a que se encontra na tribo watusi, na

parte Sul-Central da Africa. Este povo, excepcionalmente alto, tem mantido a sua identidade biológica por meio de estritas leis matrimoniais. Estas várias correntes constituíram os «gigantes» do Antigo Testamento. Moisés, em 1450 a. C., refere-se aos Zamzumeos, raça gigante que, em tempos antigos («dantes»), tinha ocupado a terra que então estava em posse dos Amonitas⁵. Em Deuteronómio 3:11 é apresentada uma des-



Obreiros presentes na Convenção realizada no Bongo em Setembro

A SINCERIDADE

por Isaque D. Tadeu

«Se a insinceridade fosse tinha, neste século vinte, muitos tinham tinha». E é realmente verdade o que certa escritora disse: «Se os cabelos da solteirona ficam grisalhos, ela os pinta de preto para não serem vistos».

Hoje as pessoas lançam mãos de todos os recursos para que o público não saiba de sua condição real. O pobre apresenta-se como rico e muitas vezes o rico como mendigo.

crição de Og, rei de Basan, o único homem que ficou «do resto dos gigantes». O tamanho da sua cama, de nove côvados de comprimento por quatro de largura, indica que ele devia ter tido pelo menos uns três metros de altura. A história de David e de Golias é bem conhecida. Encontram-se referências a outros gigantes que os Israelitas mataram nas suas guerras com os filisteus.⁶

Uma cuidadosa leitura da Bíblia revela que: ¹) o homem foi criado muito maior do que é hoje; ²) tem havido uma degeneração progressiva do homem tanto no tamanho como na duração da vida.

É importante termos à nossa disposição factos e argumentos lógicos a discutirmos a evolução. Não se pode esperar que a necessidade de fé possa jamais ser prescindida no caminho do cristão. Mas quanto mais factos tivermos com que provar as nossas crenças, tanto mais fácil será entrarmos em contacto com pessoas de espírito crítico. O cristão encontra sempre regozijo ao encontrar novas provas da validade do registo inspirado.

(1) Owen S. Parrett, M. D., «Diseases of Food Animals», pág. 7.

(2) Levítico 19:28; Deuterónimo 14:1.

(3) Levítico 11:35.

(4) David I. Macht, M. D., «Physiological and Toxicological Effects of Some Fish Muscle Extracts», «Proceedings of the Society for Experimental Biology and Medicine», 46 (Janeiro-Abril, 1941), pág. 235.

(5) Deuterónimo 2:20, 21.

(6) I Crónicas 20:4-8; II Samuel 21:18.

Vivemos na época do engano e do subterfúgio. A sinceridade anda tropeçando, e mesmo nas igrejas ou entre irmãos de sangue parece estar sendo desconhecida. Falando da mesma o profeta e rei David disse:

«Soltas a tua boca para o mal, e a tua língua compõe o engano. Assentaste a falar contra o teu irmão; falas mal contra o filho da tua mãe. Estas coisas tens feito, e eu me calei; pensas que era como tu; mas Eu te arguirei, e, em sua ordem, tudo porei diante dos teus olhos.» (Salmos 50:19, 21). Vejamos ainda o que o profeta Jeremias disse: «Guardai-vos cada um do seu amigo, e de irmão nenhum vos fieis; porque todo o irmão não faz mais do que enganar, e todo o amigo anda caluniando». (Jer. 9:4).

Jeremias escreveu estas palavras há mais de 2.500 anos e, durante todos estes séculos que se passaram, a humanidade, em grande parte, se tem especializado na arte de enganar.

Quase todos os seres humanos vivem descontentes com a sua condição actual. Cada um sente desejo de mudar de posição, adquirir mais riqueza e possuir mais influência social. Esta é a vida.

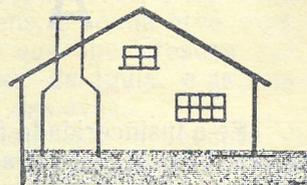
E, possuídos deste espírito na ânsia de tudo conseguir, o mundo vai ficando mais e mais complicado. Na luta pela realização de seus ideais, fascinado pelos interesses de domínio, cada um procura esconder o que sente, para se defender das investidas de seus concorrentes. Daí o alastramento da insinceridade, da hipocrisia.

Entre a humanidade não há senão poucos que podem levantar o seu dedo e dizer: «Pese-me em balanças fiéis, e saberá Deus a minha sinceridade». Entretanto a palavra de Deus nos ensina: «A sinceridade dos sinceros os encaminhará, mas a perversidade dos desleais os destruirá». (Prov. 11:3).

Quantas e quantas vezes o sorriso artificial e a lisonja são usados para

Continua na pág. 11

Página do Lar Angolano



ECONOMIA

por Ernesto Ferreira

Num lar bem ordenado não basta que todos os membros da família trabalhem; é necessário que os bens e o dinheiro sejam convenientemente administrados, o que equivale a dizer: que se não contraiam dívidas, que se evitem os desperdícios, que se dê ao dinheiro o melhor uso e que se ajunte um pecúlio para necessidades futuras. Para atingir esses objectivos é essencial fazer contas periódicas das importâncias dispendidas e organizar o orçamento do dinheiro a gastar. E' acerca destes diversos aspectos da economia que nos vamos ocupar neste pequeno artigo.

Dívidas

Nenhum cancro pode corroer tanto o organismo da economia familiar como a existência de dívidas.

As dívidas são uma constante causa de falta de paz no lar.

Por outro lado, a pessoa endividada perde a sua independência. Como dizem as Sagradas Escrituras, «o que toma emprestado é servo do que empresta». (Prov. 22:7).

Finalmente, enquanto há dívidas, parece improdutivo o dinheiro que se ganha: o melhor dele vai para os credores e falta o suficiente para as necessidades correntes e para melhoramentos do lar.

E', pois, com razão que o apóstolo Paulo nos admoesta: «A ninguém devais coisa alguma». (Rom. 13:9).

Como poderemos obter isso?

Em primeiro lugar, fujamos quanto possível à tentação de comprar fiado. Por vezes essas compras são facilitadas, mas não raro têm de ser pagas

mais tarde a um preço muito mais elevado do que o do seu valor real.

E' verdade que, em certos casos, podem não ser desaconselháveis as compras a prestações, embora muitas pessoas com razão fujam a essa espécie de compromissos. No entanto, se se fizerem tais compras deve ser exercido extremo cuidado no sentido de que o dinheiro a pagar cada mês não seja retirado de necessidades reais que devam inadiavelmente ser satisfeitas.

O único caminho seguro para evitar as dívidas é fazer com que as despesas estejam sempre dentro das próprias receitas, ainda que para isso seja necessário fazer algum sacrifício e deixar de satisfazer alguns desejos e aspirações.

Como se perde dinheiro

Não é só quando se perdem moedas ou notas que se perde dinheiro. Pode perder-se dinheiro de muitas outras maneiras.

Uma das mais frequentes tem que ver com o vestuário. Usar roupa suja durante muito tempo; lavar a roupa de maneira incorrecta; deixar que a roupa fique descosida ou rasgada, sem rápido concerto; usar roupa nova no trabalho ou sem que haja necessidade — são outras tantas maneiras de perder dinheiro.

Não será perda de dinheiro permitir que a própria casa se vá a pouco e pouco desmoronando, quando isso se poderia evitar tapando os buracos que se vão abrindo, caíndo regularmente as paredes, substituindo temporariamente a cobertura, reparando as portas e janelas à medida que se vão estragando? O mesmo se poderia mencionar acerca

das mesas, cadeiras, camas, e outros móveis da casa.

E que dizer dos utensílios de cozinha? Quantas vezes a louça de esmalte ou de alumínio têm uma vida curta em consequência do mau uso que dela é feito! Quantos pratos e canecas poderiam ter uma vida mais longa se não fossem levados ao fogo!

Outra maneira de perder dinheiro relaciona-se com a comida: deixando cair no chão a farinha ou o açúcar; permitindo que a comida e queime; deitando fora restos que poderiam ser aproveitados.

Até se pode perder dinheiro com o sabão, quando este é deixado num sítio com água em vez de ficar num local seco.

Uma das maneiras frequentes de perder dinheiro refere-se à saúde. A falta de higiene traz consigo doenças, cujo tratamento fica dispendioso, e que se teriam facilmente evitado. Por outro lado, se se tratarem as doenças no começo poupar-se-ão muitas despesas que terão de ser feitas se apenas se recorrer ao tratamento quando seja demasiado tarde.

Finalmente, uma maneira comum de perder dinheiro é fazer compras inúteis. Há pessoas que parece considerarem pecado ter dinheiro no bolso. E, assim, quando vêem na loja algum objecto que lhes agrada, logo o compram mesmo que não seja necessário. Quantos aparelhos de telefonia, harmónicas e discos têm sido comprados quando em casa o dinheiro está fazendo falta para as primeiras necessidades da família! Quanto vestuário tem sido comprado, não porque faça falta, mas apenas porque agrada aos olhos! Não falemos já do dinheiro que é gasto, por muitos, em vinho, cerveja, tabaco e divertimentos, não só inúteis, mas positivamente prejudiciais.

Como usar bem o dinheiro

O dinheiro só pode ser bem usado quando é apreciado o seu valor. Por isso é importante que desde a meninice os nossos filhos o compreendam. Para esse fim, ensinemo-los a trabalhar e demos-lhes a justa remuneração mone-

tária correspondente ao trabalho feito. Nenhum jovem está apto para casar enquanto não tiver aprendido o valor do dinheiro.

No uso do dinheiro, deve observar-se a distinção entre o que é importante e o que o não é. Deve dar-se, nas compras, o primeiro lugar às coisas importantes e deixar-se para o último lugar as que são menos importantes.

Além disso, devemos lembrar-nos de que o comprar barato pode tornar-se caro. Segundo o ditado português, «quem se veste de ruim pano, veste-se duas vezes ao ano.» Com quanta frequência o vestuário ou calçado, os relógios ou máquinas de costura, as bicicletas ou motorizadas baratas, dentro dalgum tempo ficam sem utilidade! Não teria sido preferível esperar mais algum tempo e comprar por mais algum dinheiro artigos mais duradouros?

Sempre que seja possível, ainda que para isso tenham de colaborar diversas pessoas, convém comprar por junto. Quanto menor porção se comprar de qualquer artigo, em geral tanto mais caro se terá de pagar.

Finalmente, tratar bem os artigos que possuímos corresponde a usar bem o dinheiro. Em mãos cuidadosas, certos objectos que noutras mãos depressa se estragariam podem durar quase indefinidamente.

Manter um sistema de contabilidade

Se bem que numa família não seja necessário montar um sistema de contabilidade tão perfeito como numa sociedade comercial, é conveniente fazer o registo de algumas contas. Há duas espécies de contas a fazer: a das despesas já incorridas e a das despesas a realizar.

A conta das despesas feitas tem a vantagem de permitir um exame cuidadoso da maneira como foi gasto o dinheiro. Ao proceder-se a esse exame, é fácil verificar os pormenores em que nos descuidámos e planear as correcções que se imponham para o futuro.

Mas, mais importante do que as contas relativas ao dinheiro já gasto, é o orçamento relativo ao dinheiro a gastar.

O Anjo do Senhor os Livra

Testemunho de um Colporteur

Nasci em Maio de 1913, na área do Posto Administrativo do Cuima, perto do rio Cívombo.

Aceitei a mensagem do Advento em 1927, no mês de Setembro. O primeiro missionário que nos trouxe o Evangelho foi o Sr. J. D. Baker, acompanhado pelo velho seculo Freitas.

Gostei imenso da mensagem e, em 1930, resolvi ir à Missão de Bongo a fim de aprender a ler e escrever. Em Agosto do mesmo ano descí às águas

Ao passo que aquelas apenas nos dizem para onde foi o dinheiro, o orçamento diz-nos para onde ele deve ir.

No orçamento deve ter-se em conta a parte que pertence a Deus (o dizimo e as ofertas), a alimentação, o vestuário, a educação dos filhos e outras despesas variáveis segundo se vive em casa própria ou alugada, se vive na cidade ou na aldeia. Em todo o orçamento se deve reservar algum dinheiro para futuras necessidades.

Provisão para o futuro

Um dos pontos em que as populações africanas precisam de melhorar é na correção da sua proverbial imprevidência. Enquanto se for gastando todo o dinheiro que se ganha, é evidentemente impossível fazer provisão para o futuro. Ora muitas pessoas nada guardam para o futuro, não tanto porque não lhes seja possível, mas porque não estão disciplinadas nesse sentido.

Se começarmos a pôr de parte regularmente algum dinheiro, ainda que a princípio seja pouco, iremos descobrindo novas possibilidades.

Abrir-se-ão assim oportunidades para a compra de livros, para melhorar as culturas, para aumentar o número de cabeças de gado, para educar os filhos, para fazer face às despesas ocasionadas por uma doença, e até para ocorrer às incertezas da velhice.

baptismais, sendo baptizado pelo Pastor Anderson (Kakongo).

Concluí o meu curso de obreiro no Bongo em 1936. No ano seguinte, entrei na Obra, exercendo as funções de professor e preceptor dos rapazes.

Em 39, trabalhei na Sacambuta, em 41 na Iava como substituto do Pastor Venâncio Chipopa.

Não figurei na lista dos obreiros desde 1942 a 1949. Em Setembro do último ano fui escolhido para colportar.

A princípio, tive muita dificuldade nesse trabalho, pois não tinha experiência. Felizmente nessa altura a Sra. D. Palmira Pires, adivinhando facilmente a minha incapacidade, ensinou-me a maneira de apresentar os livros.

Iniciei as minhas viagens de bicicleta. Às vezes era ridicularizado pelas pessoas das casas onde queria vender os meus livros. Não desanimei ao ser tratado daquela maneira, até que finalmente me habituei ao meu trabalho.

Em 1954, fui ao Sambo. No regresso, encontrei nos eucaliptos de Sacaala (Nova Lisboa) homens de aspecto terrível. Eram salteadores, que queriam roubar o dinheiro que eu trazia numa pasta. Antes de me aproximar deles, decidi entregar o caso ao meu Deus. E assim levei a Ele o pedido de me proteger, e a resposta não tardou.

No momento em que os homens queriam atirar-se sobre mim, veio por detrás de mim um carro ligeiro. Os homens, ao vê-lo, fugiram todos. Dessa maneira compreendi melhor as palavras do Salmista: «O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem e os livra».

Queridos irmãos e leitores deste Boletim Adventista, é desta e doutras maneiras que o Senhor está protegendo os Seus filhos. Desejo continuar com o meu trabalho e espero que à medida que o trabalho do Evangelho se vai estendendo na Província de Angola, outros jovens colportores se dediquem à obra de colocar as santas verdades em muitos lares.

Justino Ruben Cambungo

«O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem e os livra.»
«Vede que o Senhor é bom; bem-aventurado a homem que n'Ele confia.»

Aos 25 do mês de Junho do ano em curso, pelas 21 horas e 30 minutos, eu e a minha família encontravamo-nos ao redor da mesa, falando deste e de outro assunto, sem sabermos de nada. Minutos depois, ouvimos o grito da menina Isolina de Freitas, que se encontrava fora, dizendo: «Acodi! Acodi!» Quando todos saímos para ver o que era, vimos que a nossa casa estava completamente iluminada por uma grande fogueira que era alimentada pelo capim de cobertura da casa. Quando de novo entrámos em casa, já no quarto das crianças caía fogo.

No meio de uma grande confusão de vozes, cada um pegou nas coisas que podia. Tirámos antes de mais as crianças e seguidamente as coisas possíveis. Muita coisa se perdeu mediante aquela chuva de fogo.

Um dos nossos irmãos jovens saiu a correr e levou a notícia ao senhor secretário-tesoureiro E. L. Jewell, e de um momento para o outro ouvimos o carro do missionário, e então carregou tudo connosco até à Missão e ele mesmo pela sua simpatia nos deu protecção naquela metade da noite em sua própria casa. No dia seguinte fomos acolhidos pelo Sr. Presidente da União em cujos anexos passámos a residir até à data.

Seguidamente passou-se o assunto às Autoridades. O Sr. Administrador do Conselho do Huambo e seus colaboradores, assim como o Sr. Chefe da PIDE foram ver os restos das casas queimadas no mesmo bairro.

Inúmeras graças damos a Deus, que nos salvou da boca do grande incêndio, que nos podia ter devorado completamente. Assim como Ele livrou os companheiros de Daniel das grandes chamas do forno ardente, o mesmo fez Ele à família Enoque. Também não nos esquecemos de agradecer aos irmãos e irmãs em Cristo o sacrifício que prestaram para a nossa manutenção.

Enoque Antunes Seiengue

Continuação da pág. 7

encobrir a perversidade do coração, a ambição e a inveja que estão dominando o ser! Quantas e quantas vezes se encobre a verdade com atitudes estudadas, aparentando-se amizade, quando no íntimo existe a inimizade!

Não admira que seja assim agora, pois, consoante os versículos já citados, vimos que é desde os tempos mais remotos que o homem tem mantido esta atitude.

Salomão, o maior dos sábios antigos, disse: «Melhor é o pobre que anda na sinceridade, do que o perverso de lábios e tolo». (Prov. 19:1). Andar em sinceridade, pois, é uma virtude e das mais raras que existem: é uma bênção muito grande. Vejamos ainda o que ele disse: «Quem anda em sinceridade, anda seguro». (Prov. 11:11 e 10:9).

São indescritíveis os males produzidos pela insinceridade! A maldição da artificialidade ou hipocrisia é como um manto negro que cobre o mundo, trazendo a infelicidade e a tristeza. Os insinceros, porém, vão ser duramente castigados; vão ser condenados, pois diz a Escritura Sagrada: «O que anda sinceramente salvar-se-á, mas o perverso em seus caminhos cairá logo». (Prov. 28:18).

O salmista fez uma declaração que quando a leio fico impressionado, relativamente aos insinceros. Disse ele: «O Senhor cortará os lábios lisonjeiros e a língua que fala soberbamente». (Salmos 12:5).

Nestes dias de tanta luta, desta enorme precipitação de tudo quanto existe, urge que nos detenhamos um pouco e vejamos a premente necessidade do cultivo da sinceridade.

Peçamos a Deus, pois, que nos ajude a ser sinceros, no verdadeiro sentido e expressão da palavra, para que também alcancemos a vida eterna.

Visado pela Censura

Tudo farei por Ti, Senhor Jesus

Planeamos levar a efeito uma campanha evangelística entre os indianos de Marebauk, um bairro nos subúrbios da bela cidade de Durban, na África do Sul. Este novo bairro de 1.500 casas não tinha ainda salões ou outras facilidades que nos permitissem realizar as reuniões e, por isso, resolvemos enviar os nossos jovens, de casa em casa, a distribuir literatura.

Os resultados foram tão fracos que nos voltámos para Deus em oração, pedindo-Lhe que nos guiasse. Imediatamente veio a resposta: «Imprimam lições apropriadas e distribuam-nas de porta em porta». Obedecemos e o resultado foi espantoso. Os indianos até aí tinham sido indiferentes mas agora sete em cada dez aceitaram as lições. Cinquenta por cento destes devolveram as folhas de perguntas devidamente preenchidas.

Em breve tínhamos que distribuir milhares de lições cada semana. Com a ajuda dos membros leigos conseguimos enfrentar este repto.

Os pedidos de estudos bíblicos começaram a aumentar. Após algumas semanas reconhecemos que era impossível atender todos os pedidos. Aos domingos, eu dava dez estudos bíblicos, começando às nove da manhã e acabando às dez da noite. Durante a semana, todas as noites, dava três ou quatro estudos. Os outros membros do grupo evangelístico tinham um programa tão pesado como o meu.

Só havia uma solução. Deveríamos ajuntar as pessoas interessadas em grupos. Orámos fervorosamente e, novamente, ouvimos a resposta: «Preguem a Jesus; as doutrinas seguir-se-ão depois». Obedecemos, usando o lar de um dos nossos irmãos para realizar estas reuniões. Depressa a sala tornou-se pequena para a gente que vinha assistir. Contactamos com a Câmara Municipal que, gentilmente, nos vendeu uma das casas do bairro. Mandámos deitar abaixo algumas paredes e assim obtivemos um pequeno salão.

Vinte e quatro almas inscreveram-se na classe baptismal. Elas aceitaram todos os diferentes aspectos da nossa mensagem, menos um — a remoção das jóias e adornos.

Não é fácil para um hindu, especialmente se fôr mulher, deixar de usar as suas jóias. Ela só o faz se enviuar ou se se descobrir que foi infiel ao marido. Neste caso terá que deixar de usar as suas joias, como sinal da sua infidelidade. Assim, por causa do simbolismo ligado ao uso das jóias, o povo hindu tem grande relutância em abandoná-las.

Devido a este costume encontravamos-nos numa situação sem saída. Mais uma vez orámos fervorosamente e a resposta não se fez esperar.

Numa Sexta-feira, cerca das nove horas da noite, fui chamado a casa de um dos membros da nossa classe baptismal. Ela tinha trabalhado todo o dia mas, súbitamente, adoeceu gravemente. Sofria de dores horríveis e ninguém lhe podia tocar. Eu orei a seu lado durante muito tempo mas ela não sentia nenhum alívio. De repente ciciou: «Eu não posso aguentar isto por mais tempo.» Ela, que até aí se encontrava tentada na cama, deixou-se cair e permaneceu prostrada durante alguns minutos. Depois sentou-se novamente e sorriu para Alguém que devia encontrar-Se à sua frente e que nós éramos incapazes de ver.

«Jesus, eu amo-Te», disse ela. «Dejas que eu remova as minhas pulseiras? Eu o farei». Imediatamente tirou-as dos braços. Ainda com um sorriso feliz a bailar-lhe nos lábios, continuou: «Os meus brincos também». E tirou os brincos, dizendo: «Tudo farei por Ti, Senhor Jesus».

Voltando-se para mim, ela disse-me: «Diga ao povo que resta pouco tempo e que Jesus virá em breve. Apontelhes a Lei de Deus. Não tenham medo. Cada um dos vinte e quatro candidatos será sepultado nas águas baptismas».

Seguidamente, agarrando na Bíblia

«O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem e os livra.»
«Vede que o Senhor é bom; bem-aventurado a homem que n'Ele confia.»

Aos 25 do mês de Junho do ano em curso, pelas 21 horas e 30 minutos, eu e a minha família encontravamo-nos ao redor da mesa, falando deste e de outro assunto, sem sabermos de nada. Minutos depois, ouvimos o grito da menina Isolina de Freitas, que se encontrava fora, dizendo: «Acodi! Acodi!» Quando todos saímos para ver o que era, vimos que a nossa casa estava completamente iluminada por uma grande fogueira que era alimentada pelo capim de cobertura da casa. Quando de novo entrámos em casa, já no quarto das crianças caía fogo.

No meio de uma grande confusão de vozes, cada um pegou nas coisas que podia. Tirámos antes de mais as crianças e seguidamente as coisas possíveis. Muita coisa se perdeu mediante aquela chuva de fogo.

Um dos nossos irmãos jovens saiu a correr e levou a notícia ao senhor secretário-tesoureiro E. L. Jewell, e de um momento para o outro ouvimos o carro do missionário, e então carregou tudo conosco até à Missão e ele mesmo pela sua simpatia nos deu protecção naquela metade da noite em sua própria casa. No dia seguinte fomos acolhidos pelo Sr. Presidente da União em cujos anexos passámos a residir até à data.

Seguidamente passou-se o assunto às Autoridades. O Sr. Administrador do Conselho do Huambo e seus colaboradores, assim como o Sr. Chefe da PIDE foram ver os restos das casas queimadas no mesmo bairro.

Inúmeras graças damos a Deus, que nos salvou da boca do grande incêndio, que nos podia ter devorado completamente. Assim como Ele livrou os companheiros de Daniel das grandes chamas do forno ardente, o mesmo fez Ele à família Enoque. Também não nos esquecemos de agradecer aos irmãos e irmãs em Cristo o sacrifício que prestaram para a nossa manutenção.

Enoque Antunes Sáienque

Continuação da pág. 7

encobrir a perversidade do coração, a ambição e a inveja que estão dominando o ser! Quantas e quantas vezes se encobre a verdade com atitudes estudadas, aparentando-se amizade, quando no íntimo existe a inimizade!

Não admira que seja assim agora, pois, consoante os versículos já citados, vimos que é desde os tempos mais remotos que o homem tem mantido esta atitude.

Salomão, o maior dos sábios antigos, disse: «Melhor é o pobre que anda na sinceridade, do que o perverso de lábios e tolo». (Prov. 19:1). Andar em sinceridade, pois, é uma virtude e das mais raras que existem: é uma bênção muito grande. Vejamos ainda o que ele disse: «Quem anda em sinceridade, anda seguro». (Prov. 11:11 e 10:9).

São indescritíveis os males produzidos pela insinceridade! A maldição da artificialidade ou hipocrisia é como um manto negro que cobre o mundo, trazendo a infelicidade e a tristeza. Os insinceros, porém, vão ser duramente castigados; vão ser condenados, pois diz a Escritura Sagrada: «O que anda sinceramente salvar-se-á, mas o perverso em seus caminhos cairá logo». (Prov. 28:18).

O salmista fez uma declaração que quando a leio fico impressionado, relativamente aos insinceros. Disse ele: «O Senhor cortará os lábios lisonjeiros e a língua que fala soberbamente». (Salmos 12:3).

Nestes dias de tanta luta, desta enorme precipitação de tudo quanto existe, urge que nos detenhamos um pouco e vejamos a premente necessidade do cultivo da sinceridade.

Peçamos a Deus, pois, que nos ajude a ser sinceros, no verdadeiro sentido e expressão da palavra, para que também alcancemos a vida eterna.

Visado pela Censura

Notícias do Campo

José Pedro Falcão Sincer

Acompanhado de sua Esposa D. Maria Amélia, de sua Sogra D. Berta e de sua Filha Ana Maria, chegou a Angola, no dia 15 de Setembro, o Ir. José Pedro Falcão Sincer, que vem exercer o cargo de professor na nossa Escola Secundária de Nova Lisboa. Sua esposa será professora na Escola Primária da mesma Cidade. Apresentamos cordeais boas-vindas a estes novos missionários.

António Narciso

Terminadas as férias, temos de novo entre nós o Ir. António Narciso e sua Esposa D. Maria Amélia, que chegaram ao Lobito em 17 de Setembro. Que o Senhor os abençoe grandemente no seu novo campo de actividade — a Missão do Quicuco.

Pastor Armando Pires

Depois de perto de 14 anos de serviço em Angola, partiram para a Metrópole, em 20 de Setembro, os Irs. Pastor Armando Pires, sua Esposa D. Palmira e seus Filhos Vitor e Jorge. Vão trabalhar para o Pero Negro, onde se espera venha em breve a funcionar o colégio secundário da União Portuguesa. Com os agradecimentos da nossa União pelo trabalho aqui realizado e com a expressão das nossas saudades, ficamos desejando as maiores bênçãos para a nova fase de serviço desta Família.

Campo Missionário do Cuale

Em imaginação podemos ver o diabo e os seus anjos reunidos em conselho. Disse o diabo, o presidente do conselho: «Sabem que os adventistas pretendem realizar suas reuniões anuais no Campo do Cuale. E' absolutamente necessário fazer alguma coisa para os impedir. Tem alguém uma ideia?» Então segue uma discussão sobre quais seriam as maneiras mais práticas para atingir esse fim. Mas, graças a Deus, temos um Dirigente mais poderoso do que o diabo, e quem está ao lado d'Ele sempre pode contar com a vitória. Nas linhas seguintes podemos apreciar como Ele se interpôs para anular todos os planos deste conselho.

O primeiro plano: Impedir a autorização da minha ida como também a realização das reuniões. Já umas semanas antes o Pastor Juvenal Gomes, Pastor Mauricio Nunes e eu fomos nomeados para assistir às reuniões anuais do Cuale. Chegou o dia 3, o dia previsto para a nossa partida, mas não chegou a minha autorização para me deslocar, e além disso veio um telegrama do Irmão Cordas Tavares dizen-

do que faltava ainda a autorização oficial para realizar as reuniões. Que fazer? Uma comunicação rápida para o Ir. Gomes para aguardar outras instruções, e todos nós ficamos aguardando a intervenção de Deus. No dia seguinte às oito horas recebi a minha autorização e tomamos isto como sinal de que Deus havia de abrir todo o caminho. Procuramos imediatamente avisar o Pastor Gomes pelo telefone, mas um dos anjos do diabo tinha provocado uma avaria no sistema telefónico. Perderam-se sete preciosas horas antes de conseguirmos por-nos em contacto com ele. Foi combinado encontrarmo-nos no Dondo na manhã seguinte. Às quatro horas já nos encontrávamos a caminho e à meia noite estávamos acampados ao lado da estrada a uns quarenta quilómetros do Dondo. Depois de umas horas de descanso seguimos viagem chegando ao Dondo às 8 e 10 da manhã, precisamente à hora em que chegou o Pastor Gomes de Luanda. Uma hora foi perdida tratando do arranjo dos travões do carro, mas depois disso não perdemos mais tempo. Às três horas de tarde estávamos em Malange onde encontramos à nossa espera o Ir. Cordas e Esposa. Fomos imediatamente apresentar-nos às autoridades, tendo sido informados de que nada impedia a realização das reuniões. O Ir. Cordas seguiu logo para a Missão do Cuale, mas o Ir. Gomes e eu aproveitámos a ocasião para fazermos breves visitas aos nossos irmãos na fé, à família Constantino e ao Irmão René. Às seis horas estávamos outra vez a caminho e às 11 horas parámos o carro em frente da casa do Irmão Cordas. Estávamos bastante cansados. Não nos custou nada a adormecer. Mas não podíamos demorar muito no Cuale, pois as reuniões de Zenza já deviam ter começado, portanto logo que o Ir. Cordas pôde arrumar as suas coisas seguimos para lá.

Encontrámos o Pastor Paulino Dias muito triste. Disse-nos que não havia ninguém para as reuniões, pois o Snr. Administrador tinha mandado o povo todo embora. Eis o segundo obstáculo para a realização dos nossos planos. Fomos imediatamente falar com o Snr. Administrador. Fomos bem recebidos, e verificámos que tinha havido uma má compreensão sobre a natureza das reuniões, mas logo que explicámos que eram reuniões simplesmente religiosas, ele não hesitou em autorizá-las. Quando se espalhou a notícia, o povo apareceu milagrosamente. Apesar de restarem apenas dois dias para estas reuniões, foram dois dias muito abençoados. Fora da própria missão do Cuale foi o lugar onde tivemos maior número de assistentes e onde sentimos mais a presença de Deus. O povo estava sempre no recinto a tempo e a horas. Foram realizados 89 Baptismos, e 156 almas dedicaram as suas vidas a Jesus pela primeira vez, e quando saímos da Zenza o Pastor Paulino Dias estava muito sa-

tisfeito e sorridente. Pela segunda vez o diabo foi derrotado.

No dia sete fizemos a viagem para Cassungo que se encontra na baixa que é chamada «o buraco», e na área administrativa de Cahombo. Foi a minha primeira visita à Baixa. Encontrámos aqui terras férteis, como também muito calor. É a primeira vez que tenho comido maçarocas nos princípios de Setembro. Não são apenas os terrenos que são férteis aqui, mas igualmente os corações da população estão abertos para aceitarem as sementes da verdade. Não encontrámos apenas o calor do sol, mas também um calor de espírito da parte de todo o povo. Vieram três Sobas pedindo catequistas mas queriam-nos já. Levou algum tempo para convencê-los que não há catequistas agora. Porém procurámos animá-los para terem paciência por mais algum tempo, até que possam vir mais catequistas do Bongo. Mesmo assim é sempre triste quando temos que negar aos que se encontram em trevas o meio de conhecer o caminho de Salvação. Verdadeiramente «A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros. Rogai pois ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara.» Mat. 9:37, 38.

Duas vezes aqui na Baixa o diabo procurou interromper os nossos planos. Procurou impedir a nossa chegada a Cassungo. Uns vinte quilómetros antes mesmo ao pôr do sol, partiu o rolamento do semieixo. Parecia que teríamos de passar ali a noite, mas felizmente Deus tinha-me feito lembrar de me prevenir com um sobresselente, e lá conseguimos fazer a reparação.

A segunda vez foi no dia seguinte quando fomos cumprimentar o Sr. Administrador do Cahombo. Uma vez fora do acampamento o diabo resolveu cortar-nos o nosso caminho de regresso. Levantou-se uma grande ventania e caiu muita chuva, e ele fez cair quatro árvores grandes na estrada, mas ele não contou com a mão de Deus nem com a carrinha com tracção às quatro rodas. Parecia impossível passar esta barreira, mas com estes dois auxílios conseguimos abrir um caminho pelo mato e assim voltámos para o acampamento onde encontramos tudo seco, não tinha chovido nada ali.

A nossa paragem seguinte foi Cangongo, onde encontrámos o Pastor Leonardo Chicondo. Aqui o diabo conseguiu diminuir o número de assistentes. Alguém tinha espalhado a notícia de que as reuniões não seriam realizadas. Havia apenas 377 passaos presentes, mas apesar disso foi uma boa reunião. Os que não vieram enviaram as suas ofertas com os mestres, e o que foi recolhido não foi inferior às ofertas nos outros lugares. Quarenta e sete almas seguiram nosso Senhor no Baptismo, e cinquenta dedicaram as suas vidas a Deus.

Esgotaram-se os planos do diabo, e no Cuale tudo correu bem sem dificuldades nenhuma. Encontravam-se reunidos no Sábado 14 de Setembro, 1155 pessoas, e 132 dedicaram as suas vidas ao Senhor. No dia seguinte, 94 foram baptizadas.

Um dos candidatos para o baptismo foi Mateus João da Silva. Há poucos anos atrás ele inscreveu-se no curso da Escola Rádio

Postal. Ficou muito interessado, mas então tiveram lugar os acontecimentos no Norte e teve de desistir. Durante algum tempo perdeu contacto connosco, mas há pouco mais de um ano, recomeçou o seu curso. Ficou convencido da verdade e resolveu baptizar-se. A sua casa encontra-se perto de Lucala, uns duzentos e cinquenta quilómetros do Cuale, mas fez esta viagem toda a fim de realizar este seu grande desejo. Quando fez o seu pedido, tivemos certo receio de que ele não estaria bem preparado, pois o único contacto que tinha tido connosco tinha sido apenas através das Lições da Escola Rádio Postal, mas grande foi a nossa surpresa ao verificarmos que compreendia perfeitamente todas as nossas doutrinas, que tinha estado durante um ano a guardar o sábado, e a pagar os seus dízimos. Não podíamos negar-lhe o direito de acompanhar os outros na solene cerimónia de baptismo. Grande foi sua alegria ao unir-se com o povo que se está a preparar para a vinda do nosso Senhor. Visitámos a aldeia dele na nossa viagem de regresso. Ele e os outros da aldeia insistem que enviemos um obreiro para os ensinar. É uma chamada que não devíamos negar, pois abre a porta para uma área completamente nova.

Em toda a nossa viagem bem como em todas as reuniões, sentimos a presença de Deus. Ele está operando a Sua vontade em todo o necessitado Campo do Cuale. Grande interesse pela verdade se manifesta em toda a parte. Não podemos, com os recursos que temos agora, corresponder às muitas chamadas para novos obreiros. Se tivéssemos quarenta, os colocaríamos sem dificuldade. Prezados Irmãos, «rogai pois ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara».

E. L. Jewell

Campo Missionário do Lucusse

«Eu vos envie a ceifar onde vós não trabalhastes, outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho.» João 4:38.

Estas palavras do Mestre, têm aplicação em nós mesmos. Depois de seis anos de ausência, voltamos para a Missão do Lucusse, onde estivéramos desde 1956. E, nesta altura vamos a caminho de mais dois anos. Durante estes anos, o trabalho que deixáramos delineado, tomou forma e experimentou crescimento. Preciosos frutos já foram recolhidos. Preciosas almas se converteram e sepultaram sua vida passada com seus vís pecados nas águas do baptismo, aguardando agora o Dia do seu Senhor com fé e esperança.

O Campo Missionário do Lucusse abrange uma área que compreende o Alto Zambeze, o Sul do Luso, margem direita do Rio Luena e estende-se aos Bundas e mais para o Sul...

É uma grande área para um diminuto corpo de obreiros. Este não cresceu em proporção com o número de anos de existência que conta a Missão. Se o seu número aumentasse na devida proporção, deveríamos ter, pelo menos, trinta obreiros. Mas, não possuímos nem

coisa que se aproxime. Não obstante, como acima referimos, podemos afirmar com satisfação que a Obra tem progredido também neste sector do Moxico.

Como a grande necessidade deste Campo é a de obreiros, no ano lectivo de 1962-963, facilitamos na Missão a matrícula de nossos alunos. Permitimos que eles pagassem as suas propinas parte em dinheiro e parte com trabalho feito em horas extraordinárias, além do serviço a prestar nas horas regulares. O plano deu resultado. Matriculamos 125 alunos internos, dos quais 30 raparigas. Este aumento de alunos significa maior número de candidatos aos cursos de preparação de catequistas e professores. O trabalho destes alunos permitiu que saldássemos a despesa havida durante o ano com a sua alimentação, apesar do ano agrícola ter sido desfavorável para os agricultores. O Senhor nos ajudou e colhemos precisamente quanto necessitávamos. Ainda tivemos o suficiente para pagar o material escolar.

No ano lectivo que findou, um curso de economia doméstica e trabalhos femininos funcionou com lições ministradas por D. Emília Chaves. Este curso patenteou bem de sobejo o quanto correspondem em interesse as jovens das nossas escolas a programas elaborados conscientemente. O interesse manifestado pelo ensino doméstico é do mesmo nível do manifestado pela aprendizagem das letras. No final dos trabalhos era com satisfação que as alunas contemplavam os seus diversos artigos de vestuário por elas confeccionados.

No fim do corrente ano lectivo, contamos ter aqui preparados 7 alunos com a 4.^a classe primária. Estes poderão frequentar o nosso Colégio Secundário Adventista de Nova Lisboa, ou seguir o Curso de Catequista do Instituto de Treino do Bongo. Depois de preparados, estes jovens irão engrossar a fileira de obreiros que se encontram nos Bundas.

Nas reuniões anuais especiais, tivemos o prazer de ter a colaboração dos Pastores António Lopes e Venâncio Chipopa, enviados da nossa Direcção.

Foram excelentes reuniões de culto e pregação da Palavra, aquelas realizadas em Chafinda. Umhas centenas de pessoas com grande solenidade, junto às quedas, com a presença de alguns europeus, presenciaram o baptismo de 13 novos membros da nossa Igreja que, assim testemunharam a sua fé em Cristo Jesus.

Em Suana-Bambi, Bundas, a cerca de 300 km do Lucusse, na casa de culto repleta de ouvintes, mensagens inspiradas foram dirigidas à massa compacta dos presentes, nesse momento ávidos de escutar a Mensagem de Amor de Deus.

Depois do apêlo feito à assistência, como sempre, foi comovedor ver aqueles que se levantaram espontaneamente no firme propósito de, desde esse momento em diante, se entregarem a Jesus para que as suas vidas sejam transformadas!

Na tarde do derradeiro dia em Suana-Bambi, tivemos o indizível prazer de participar no ministério do Baptismo de 15 almas

mais daquela região, fruto das canseiras dos devotados obreiros que ali trabalham.

Nos Bundas temos grande precisão de um edificio escolar, idêntico aos que o Estado está levantando naquela área. Temos muitas crianças em idade escolar que, nunca viriam para a Missão, dada a distância, as quais precisam de ser encaminhadas na instrução e conhecimento da Palavra de Deus. O local escolhido poderia ser o de Cajana, onde reside o nosso ancião Daniel Angelo. Aqui fica o apêlo público para os Irmãos Dirigentes.

Quando o nosso Campo dispuzer de um numeroso grupo de obreiros, grandes e maravilhosas coisas o Senhor operará a favor destes povos!

Victorino Chaves

Sá da Bandeira

«Então veio o Espírito do Senhor sobre Azarias filho de Obede. E saiu ao encontro de Asa, e disse-lhe: Ouve-me Asa, e todo o Judá e Benjamim: O Senhor está convosco, enquanto vós estais com Ele, e se o buscardes, o achareis, porém, se o deixardes vos deixará.» II Crônicas, 15:1, 2. São expressivas estas palavras na época em que o rei Asa aboliu a idolatria e renovou o pacto do Senhor. Contudo, a mesma experiência que se passou com o povo de Deus no passado é a mesma nos nossos dias. O mundo entregue à idolatria, necessita de ser chamado e mesmo muitos entre os professos do povo de Deus, carecem de uma nova consagração ao Senhor e uma renúncia total das práticas do mundo. Ano após ano estamos realizando as Assembleias Anuais onde se reúne em cada Igreja e Missão, os prosélitos da fé adventista e não somente estes, mas numerosos amigos e pessoas desejosas de conhecerem a fé gloriosa do advento. Assim este ano realizamos as nossas Assembleias na Igreja de Sá da Bandeira com a presença de um delegado nomeadamente, o Pastor António Lopes da Igreja de Benguela, o qual nos trouxe boas mensagens espirituais que todos apreciaram. Houve diversas reuniões desde sexta-feira à noite no dia 4 de Outubro, terminando no domingo seguinte com um apêlo geral para uma nova consagração ao Senhor. Responderam a êsse apêlo diversas pessoas em número de quinze, manifestando assim o seu desejo de estarem conosco e com o Senhor! Houve também a cerimónia baptismal na tarde daquele sábado, e no domingo de tarde uma reunião da juventude.

Lembre-mos nos que o Senhor está conosco se nós estivermos com Ele! «Portanto ide e ensinaí todas as nações, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ensinando-as a guardar todas as coisas: e eis que Eu estou convosco todos os dias: até à consumação dos séculos AMEN.» S. Mateus, 28:19, 20. Amigo leitor, que ao ler estas linhas sintas o desejo de te consagrar ao Senhor e renovar o pacto com Ele HOJE, pois amanhã poderá ser tarde demais!

Américo J. Rodrigues

Boletim Adventista